

EDITORIAL

ANO XI – VOL II – PARTE I

EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E PÓS-HUMANISMOS

Nesse dossiê, nosso intuito é o de problematizar a coimplicação entre os estudos críticos animais, as ecologias e a emergência de experiências educacionais pós-humanistas (Morton, 2023a/2023b). Mais precisamente, trata-se de compreender de que modo tanto os animalismos quanto as ecologias nos permitem colocar em questão os fundamentos antropocêntricos e antropomórficos da educação, abrindo-nos a práticas curriculares e filosóficas que, ao invés de se deixarem encapsular pela ideologia do sujeito substância, do sujeito universal e do espírito absoluto, problematizam a presunção epistêmico-ontológica de tais categorias (Ferreira da Silva, 2022).

Tendo isso em mente, vislumbramos pensar em que medida a assimilação de uma postura teórico-poética e ético-política pós-humanista nos permite desgarrar as preocupações animalistas e ecológicas das mãos humanistas do Humano de Bem. Em outras palavras, trata-se de colocar em questão a educação que, mesmo orientada às questões animais e ecológicas, ainda repousa no “humanismo compensatório” (Braidotti, 2019, p.79). De acordo com Braidotti, o vínculo ético-político, teórico-poético e, portanto, curricular entre entes humanos e mais-que-humanos é negativo quando oriundo do efeito compensatório das ações humanas contra e sobre os demais entes. Nesse sentido (no sentido de uma teoria crítica pós-humanista), Braidotti nos permite desconfiar de algumas práticas animalistas antiespecistas e ecológicas que continuariam interessadamente ancoradas no Humanismo do Humano de Bem. De modo geral, o humanismo compensatório reitera e reifica o binarismo humano/não-humano e nega a especificidade dos mais-que-humanos, sejam eles animais, meios ambientes ou infraestruturas intra e extra-terrenas (Braidotti, 2019; Haraway, 2009). O interesse da compensação humanista pelo animal, pela Terra, pela máquina e pela morte bloqueia a experiência pós-humana da simbiose transformativa ou da hibridização interacional entre humanos e mais-que-humanos (Braidotti, 2019; Morton, 2023a/2023b).

Assim sendo, somos capazes de compreender a urgência de deslocarmos a educação do seu eixo humanista em direção às “relações” e às “complexidades” mais-que-humanas/não-humanas/inumanas. Tal que Braidotti (2019, p.177),

também nos inspiramos em Saïd (1994) e, desse modo, afirmamos que a educação pós-humanista se faz a partir de uma perspectiva nômade, a qual propulsiona o desenvolvimento de teorias cujas principais características correspondem ao trânsito não-linear e não-hierárquico entre as diferentes áreas do conhecimento – como as ciências, as artes, as filosofias e as literaturas – e à assimilação entre crítica e criatividade, atividades que constituem os processos de pensamento e de escrita no campo da produção teórico-poética e da ação ético-política pós-humanista. É em vista da prática cósmica do nomadismo, assim como proposta por Braidotti nas vias abertas por Saïd, que damos ensejo ao presente número.

Encetamos nossa caminhada nômade com o artigo de **Sebastián Chun**, intitulado “A universidade ignorante: pedagogia e humanismo desde Derrida e Rancière”, que nos permite pensar em uma pedagogia antiespecista a partir do questionamento crítico dos pressupostos humanistas que estruturam a educação. Em seguida, **Ana Luiza Gonçalves Dias Mello** e **Rosimeri de Oliveira Dias** nos convidam a perceber, no artigo “Invisibilidade dos animais na educação básica e na formação de professoras: uma aposta antiespecista”, em que medida a prática antiespecista da educação é capaz de nos deslocar, no cotidiano escolar e pedagógico, do antro-po-andro-centrismo. Já no artigo “Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas”, **Tulio Vieira** e **Maria Margarida Gomes** dão ensejo a uma reflexão ético-ôntico-epistêmica sobre a agência dos animais cujos corpos são preservados nos laboratórios em virtude e por meio de uma curadoria didático-pedagógica.

Na sequência, no artigo “Humanimal. *Quo vadis?* A fuga da animalidade do *homo deus*”, **Sergio Martínez Mesón** nos mostra como o triunfalismo do sujeito neoliberal, que se autoimposta a deidade, deve-se ao seu desenlace em relação à empatia entendida como o componente animal ou da animalidade que nos constitui e que, no entanto, insistimos em forcluir. Já no ensaio “Confluências terranas: contrariar a formação humana”, **Luís Thiago Freire Dantas**, ao mobilizar Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, João Paulo Lima e Busenki Fukiau, convida-nos a pensar em uma formação decolonial através do questionamento da maneira pela qual nos encontramos enlaçados às dinâmicas humanistas que excluem, tanto do escopo da filosofia quanto do da educação, outras cosmologias. Além disso, no trabalho “Por uma clínica mais que humana”, **Lígia Barbosa Perez** nos permite imaginar, com base na problematização dos pressupostos raciais do humano e de sua humanidade, o que seria uma clínica que não se alinha e não se limita às injuções subjetivas do Eu transparente, assim como proposto por Denise Ferreira da Silva.

Em “Geografias Pós-Humanas: como Alimentar um Corpo Morto?”, **Milena Zanelli** explora o caráter mais que humano da comunicação que se estabelece no luto, de maneira a romper com o binarismo que hierarquiza os vivos em detrimento dos mortos. Já no trabalho “A dissolução do corpo na ficção cabo-verdiana: um olhar pós-humano sobre *Marginais*, de Evel Rocha”, **Marcelo Massucatto** mostra a relação entre a literatura cabo-verdiana e a crítica ecológica de viés pós-humanista. Nesse artigo, o autor elabora uma análise detalhada da dissidência queer das personagens de Evel Rocha no romance *Marginais*. Em “Viver e morrer com: (trágicas) aprendizagens multiespécie e modos de dizer adeus”, **Tiago Amaral Sales** reflete sobre o que aprendemos ao vivermos e morreremos com seres outros que os humanos. O gesto meditativo do autor é colocado em operação em razão da morte trágica da felina Gatinha Colorida, que fora atropelada na rua que constituía sua morada. Finalmente, ainda como parte de nosso dossiê, transitamos na direção das análises de **Lucía Aquino** e **Ernesto Siola** que nos mostram, no artigo “O papel da educação diante do necroespecismo”, quais são os desafios da educação frente às injunções de poderes e saberes necropolíticos.

O nomadismo do nosso número também se deve às pesquisas que extrapolam a temática do presente dossiê e que, assim, compõem a seção dedicada aos *Estudos Críticos Animais* (ECAs). Nela, encontramos o artigo de **Facundo Nahuel Martín**, intitulado “Teddy, o paquiderme. Adorno, os animais e o materialismo somático”, que discute o conceito “materialismo somático” por meio da recontextualização do estatuto ético dos animais no pensamento adorniano e sua relação com a teoria do sujeito. Em seguida, **Nicole Mikly Bernal** e **Santiago Mora Posada** problematizam, no artigo “Os animais como mercadoria viva”, em que medida a globalização e o capitalismo engolfam o meio ambiente e os outros animais de maneira a colocar em tensão as forças da natureza e as forças sociais. A seção dedicada aos ECAs se encerra com o potente artigo “Apontamentos sobre a extinção dos jumentos”, de **Victor Alexandre Garcia** que reflete sobre a ameaça de extinção dos jumentos no Brasil através da mobilização dos textos de Conde de Buffon e de Jean-Jacques Rousseau, autores que lhe permitem desenvolver uma análise animalista, sob inspiração dos jumentos, do filme *Au Hasard Balthazar*, de Bresson.

Nossa caminhada cósmica de passadas pós-humanas também contempla, na seção dedicada à tradução, a edição bilíngue do artigo “Contribuciones para la defensa de un lenguaje antiespecista: el caso del término *gado* en la política brasileña [*Contributions to the defense of an anti-speciesist language: the case of the term gado in Brazilian politics*]”, escrito por **Daniela Rosendo**, **Denis Duarte**, **Fabio A. G. Oliveira**, **Karynn Capilé**, **Maria Alice da Silva**, **Tânia A. Kuhnen** e traduzido para o espanhol por **Julieta Campos**. Nesse trabalho, deparamo-nos com uma

detalhada discussão sobre o aporte especista do uso pejorativo da palavra “gado” nos diferentes cenários políticos brasileiros. Para encerrar (sempre provisoriamente) esse trânsito mais que humano, finalizamos o presente número com “Reivindicar o Ecofeminismo – Prefácio, 2016”, escrito por **Emilie Hache** e traduzido por **Cecilia Cavalieri** em parceria crítica com **Fernando Sheibe**, **Bruna Beber** e **Maria Fernanda Gonsalves de Oliveira**. Nesse texto, **Hache** nos apresenta o pensamento ecológico, feminista e mulherista dos anos 70 e 80, mostrando-nos a coimplicação entre espiritualidade e política no/do ecofeminismo.



Esperamos que, através dessa caminhada cósmica de tipo nômade, nossas leitoras e leitores possam entrever a dimensão filosófica, estética, política, ética e pedagógica dos pós-humanismos, em suas consonâncias e dissonâncias com perspectivas marxistas, neomarxistas e ecofeministas, no que se refere à crítica à soberania do Humano no tocante às empreitadas colonialistas, civilizatórias, imperialistas e normalizadoras ou normalizantes das relacionais que nos constituem e que, ao mesmo tempo, constituímos para além do si mesmo que colapsa (Spivak, 1999), nas ruínas do neoliberalismo (Brown, 2019), em sua própria presunção triunfalista (Butler, 2020).

Bibliografia

Braidotti, R. (2019). *The Posthuman*. London: Polity.

Brown, W. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politeia.

Butler, J. (2020). *The Force of Nonviolence: an ethical-political bind*. New York: Verso Books.

Ferreira da Silva, D. (2022). *Homus Modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Ferreira da Silva, D. (2024). *A dívida impagável: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo*. São Paulo: Zahar editora.

Haraway, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: Tadeu, T (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Morton, T. (2023a). *O pensamento ecológico*. São Paulo: Quina editora.

Morton, T. (2023b). *Ser ecológico*. São Paulo: Quina editora.

Educación, filosofía e pós-humanismos

Anahí Gabriela González & Cassiana Lopes Stephan

Saïd, E. (1994). "Identity, Authority and Freedom: The Potentate and the Traveler". *Boundary 2*, Durham, vol. 21, n.3, pp.1-18.

Spivak, G.C. (1999). *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge: Harvard University Press.